

www.autoresespiritassclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

As pesquisas Fredrich W. H. Myers com o médium Reverendo Stainton Moses

Extraídos da obra
Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade

As experiências de Stainton Moses

No capítulo I, citamos as experiências do reverendo Stainton Moses, (9) muito conhecido do público inglês sob o pseudônimo Oxon. É uma personalidade marcante do espiritismo na Inglaterra, e é importante saber que se pode depositar completa confiança nas suas afirmações, porque teremos oportunidade de citá-lo com bastante freqüência na seqüência desta obra. O sr. W. H. Myers, que o conheceu muito bem, certifica-lhe a lealdade nestes termos: (10)

(9) *Ver p.42.*

(10) *Annales Psychiques, Expèriences de W. Staiton Moses, 1895, p. 205.*

Tive pelo sr. Moses uma grande amizade e profunda estima. Nossa amizade era baseada na pesquisa de fenômenos. Ele respondia a tudo que me interessava, com perfeita franqueza, quanto às experiências que eu desejava conhecer. Entre nós, porém, não havia atração pessoal tão intensa a ponto de poderem acusar-me de parcialidade. Devo acrescentar que o estudo do seu diário, permitindo-me conhecê-lo mais intimamente, como nos seus melhores dias, aproximou-me do cálido entusiasmo dos seus amigos mais íntimos.

O sr. Moses era absolutamente correto e de uma probidade que nunca ouvi ser questionada. "Por mais perplexos que possamos ter ficado quanto a uma explicação, sempre recuamos ante a idéia de sugerir sequer a menor dúvida sobre a sinceridade e a probidade de Stainton Moses". Creio, escreveu o advogado H. J. Hood, que o conhecia de longos anos, que ele era absolutamente incapaz de enganar.

Após bons estudos em Oxford, o sr. Stainton Moses recebeu seus diplomas, foi ordenado sacerdote pelo bispo Wilberforce, e aceitou uma paróquia na ilha de Man. Em 1869, gravemente enfermo, foi tratado pelo dr. Speer, de quem se tornou amigo íntimo, e em cuja família obteve as mais belas manifestações. Obrigado, devido ao seu precário estado de saúde, a abandonar seu ministério sacerdotal, em 1870 foi nomeado professor na University College School, posto que manteve até o momento em que a doença levou-o a renunciar, três anos antes da sua morte. A escrita automática começou em 1873, para acabar, tanto quanto sabemos, em 1883. Nos seus últimos anos, o sr. Moses contribuiu para um grande número de organizações espíritas, colaborou ativamente no jornal Light, de que se tornou mesmo diretor.

O sr. Moses jamais se casou e viveu sempre afastado da vida social. Nada na sua aparência indicava-lhe os dons especiais. Sua fisionomia era "honesto, viril e resoluta". Numerosos testemunhos de afeição e estima foram publicados depois da sua morte, particularmente por aqueles a quem suas experiências e seu ensinamento haviam conseguido convencer. (11) Seus manuscritos inéditos foram confiados a dois dos seus amigos, o sr. Carlton, advogado, e o sr. Alaric. Em Watts, o sr. Myers pôde tomar conhecimento desses documentos e, nos Proceedings, fez deles um estudo a que teremos oportunidade de recorrer. Em suma, os materiais de que esse escritor pôde dispor são de quatro tipos: 1° os livros publicados por Stainton Moses; 2° seus manuscritos inéditos; 3° os relatos de testemunhas, escritos e publicados; 4° suas relações orais com os amigos. A família Speer forneceu igualmente numerosos testemunhos corroborando os relatos publicados pelo sr. Moses, de modo que podemos ter certeza da materialidade dos fatos. Não estamos, aqui, lidando com um ignorante incapaz de se dar conta do fenômeno que produzia, ou com um fanático que se deixa levar pelo prodigioso. Sua educação religiosa e seus

estudos psicológicos o afastavam dessas práticas, que no início lhe pareciam vulgares e desprovidas de interesse.

(11) Myers, *Experiences de W Stainton Moses*, in *Annales Psychiques*, 1895, p. 207.

Só lenta e progressivamente esse poderoso médium chegou à convicção de que as comunicações que recebia eram mesmo devidas à intervenção dos espíritos. Sua inteligência, desenvolvida, severa e precisa, exigia provas absolutas antes de entrar nesse novo caminho que devia modificar-lhe profundamente as crenças anteriores. Ele expõe pessoalmente, na sua obra *Spirit Identity*, as perplexidades pelas quais passou: (12)

(12) Moses Stainton, *L'Identité des Esprits*, in *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, fevereiro de 1900, p. 447.

Faz agora quatro anos, meu espírito se viu tão completamente absorvido pela demonstração do que chamam imortalidade, que resolvi formar uma convicção, ou abandonar daí por diante qualquer tentativa de entrar em contato com o mundo dos espíritos, por deixar muitas incógnitas e desilusões. Não tinha obtido um número suficiente de provas da identidade dos espíritos que me permitissem formular uma afirmação decisiva sobre elas. Sem dúvida, eu possuía um certo número delas que, aos meus olhos, tinham um valor considerável, mas a grande massa das minhas comunicações tinha um caráter impessoal, porque os espíritos aos quais eram devidas empenhavam-se mais especialmente em fixar minha atenção nos argumentos e no objetivo das suas mensagens, bem mais do que na autoridade de um nome, fosse qual fosse a impressão que pudesse causar no meu espírito. Eles tinham transposto a esfera da individualidade e queixavam-se por serem obrigados a voltar. Quanto a mim, ao contrário, eu reclamava alguma coisa completamente definida, exigia que me fosse perfeitamente provado que eu estava lidando com seres da minha espécie. O mundo dos anjos ficava demasiado alto para mim, eu não conseguia atingi-lo.

Durante muito tempo esperei em vão pela prova reclamada. Se eu tivesse imitado a maioria dos investigadores, teria abandonado minha busca, por tédio ou aborrecimento. (13) Meu estado de espírito levava-me à ação, assim, fui obrigado a esforçar-me muito para obter o que desejava.

Pouco a pouco, ora de um lado, ora de outro, por fragmentos e gradualmente, em cujos detalhes não posso entrar aqui, essa prova chegou, e como meu espírito estava bem preparado para recebê-la, foram gastos seis meses inteiros em esforços diários, contínuos, para bem fixar em mim a demonstração da persistência do espírito humano e da sua faculdade de se comunicar comigo, dando-me a prova da conservação da sua individualidade, bem como da continuidade, sem interrupção, da sua existência.

(13) Muito freqüentemente, este é o erro daqueles que querem julgar o espiritismo a partir de algumas tentativas infrutíferas. Com Stainton Moses, estamos bem longe dos famosos entusiastas de que fala o sr. P Janet.

Durante sua vida terrena, conheci alguns dos que vieram assim, e podia não somente verificar suas afirmações, mas também observar alguns detalhes do seu modo de ser, particularidades de dicção, originalidades do seu espírito que me lembrava ter constatado neles durante sua vida neste mundo.

A maioria deles eram-me desconhecidos e vieram para obedecer ao espírito-guia que arranjava todas as coisas. Traziam-me seu testemunho e em seguida seguiam o curso do seu destino, quando cumpriam a tarefa que lhes tinha sido imposta. Alguns vinham dos mais incríveis países e davam — a mim e aos meus amigos — o maior trabalho para verificar-lhes as falas.

Vários vieram no momento da sua morte. Pareceria que nesse momento o espírito tem mais facilidade para manifestar sua presença, e os fatos que cita também são mais fáceis de verificar. Alguns já tinham morrido há muito tempo, segundo o modo de contar dos homens, e apresentavam-se, ofuscados e confusos, para rever as antigas cenas terrenas, sentindo a maior dificuldade para voltar às condições de outrora. (14)

(14) As últimas observações publicadas pelo dr. Hodgson e pelo prof. Hyslop nos Proceedings confirmam absolutamente as observações de Stainton Moses. Ver, particularmente, o caso de Georges Pelham e do pai do sr. Hyslop.

Mas, viessem de onde viessem, e fosse qual fosse seu modo de comunicar-se, uns e outros traziam consigo um ar de sinceridade e franqueza, próprio de seres compenetrados da grande importância da obra de que estavam encarregados. Todos, sem uma única exceção, diziam a estrita verdade sobre si mesmos, tanto quanto nos foi possível assegurar-

nos. Muitas de suas afirmações, por sua própria natureza, estavam acima de qualquer controle. Um número mais considerável foi escrupulosamente esclarecido e nenhum levantou a menor suspeita de fraude. Por todos os meios imagináveis, submeti essas testemunhas invisíveis a um rigoroso exame e empenhei nisso uma tenacidade que não negligenciava nenhum elemento de controle. Muitas das minhas perguntas ficaram sem resposta e me pergunto se não fiz pesquisas muito pouco justificáveis. Nunca consegui destruir-lhes as afirmações, nem surpreendê-los em flagrante delito de fraude, isso pelas mais atentas verificações.

Como prova do que digo, remeto aos relatórios que redigi durante todo esse período, com a maior regularidade, dia a dia, anotando detalhadamente até a temperatura e as outras condições atmosféricas, confrontando-as com o relatório, independentes preparados por outras pessoas que faziam parte do círculo a que os fatos eram comunicados. Qualquer lacuna contida no meu relato, o que devia acontecer freqüentemente pelo próprio fato do estado de transe em que me encontrava, era assim preenchida, e meu relatório era controlado por observadores independentes.

Vejamos um exemplo de fatos ignorados pelo médium, revelados pelos espíritos. A cena se passa de manhã, no gabinete de trabalho do sr. Moses, Ele está no estado normal e quer assegurar-se de que o espírito que se comunica pela escrita possui uma existência independente. Pede-lhe que reproduza, por sua própria mão, uma frase de um livro apanhado ao acaso na biblioteca:

Leituras em livros pelos espíritos

P. — Podeis ler? (Quem pergunta é Stainton Moses.)

R. — Não, amigo, não consigo ler, mas Zacharie Gray consegue, assim como R. Não sou capaz de me materializar, nem de comandar os elementos.

P. — Acha-se aqui algum desses espíritos?

R. — Acharei um em algum lugar. Vou enviar-lhe R. Ele está aqui.

P. — Disseram-me que podeis ler. É exato? Podeis ler num livro?

(Aqui a letra da escrita muda)

R. — Sim, amigo. Mas com dificuldade.

P. — Podeis escrever-me a última linha do primeiro livro da Eneida?

R. — Um momento... Omnibus errantem terris et fluctibus oetas.
(Estava exato.)

P. — Muito bem. Mas eu poderia sabê-la. Podeis ir à biblioteca, pegar o penúltimo livro, na segunda prateleira, e ler-me o último parágrafo da página noventa e quatro? Não o vi e nem mesmo sei seu título.

R. — 'Vou provar rapidamente, por um breve relato histórico, que o papado é recente e elevou-se gradualmente ou desenvolveu-se depois da primeira e pura época da cristandade, não depois do período apostólico, mas desde a união lamentável entre a Igreja e o Estado, sob Constantino.'

(Ao examinar o livro, constata-se que é uma obra singular intitulada *Antipopepriestian* de Roger, tentativa para liberar a Cristandade do Papado, da política clerical e do comando dos padres. O extrato dado estava exato, só a palavra relato tinha sido usada em vez de resenha.)

P. — Como caí numa frase tão apropriada?

R. — Não sei, meu amigo. Foi apenas uma coincidência. A palavra foi mudada por engano. Percebi assim que o cometi, mas não quis modificá-la.

P. — Como ledes? Escrevestes mais lentamente, atabalhoadamente.

R. — Escrevia o que me lembrava, depois lia a continuação. É preciso um esforço muito especial para chegar a ler e só o fazemos para fornecer uma prova. Vosso amigo tinha razão ontem à noite; nós podemos ler, mas só quando as condições são muito favoráveis. Vamos ler e escrever de novo; em seguida vos diremos em que volume: 'Pope é o último grande escritor dessa escola de poesia, a poesia da inteligência, ou melhor, da inteligência unida à fantasia.' Está realmente escrito assim. Ide pegar o décimo primeiro volume da mesma prateleira. (Apanhei um volume intitulado *Poésie Roman et Rhétorique*.) Ele se abrirá na página que procurais. Pegai-o, lede e reconhecereis nosso poder e a autorização que o grande e bom criador nos dá para provar-vos o poder que temos sobre a matéria. Glória lhe seja dada. Amém.

(O livro se abriu na página 145 e lá encontramos a citação perfeitamente exata. Eu não tinha visto aquele volume antes; por certo, não tinha a menor idéia do seu conteúdo.)

Vimos no capítulo que trata especialmente da clarividência nas suas relações com o automatismo, que em várias oportunidades uma carta foi

adivinhada pela escrita automática, quando a pessoa não a conhecia. Sabemos igualmente, pelas experiências do major Buckley, que, após uma magnetização, uma frase pode ser lida nesse estado de semi-exteriorização que é quase o estado normal. Fiéis aos princípios metodológicos que adotamos, teríamos omitido os fatos precedentes, por não indicarem com evidência a intervenção de uma inteligência estranha, se certas circunstâncias do relato não fizessem com que considerássemos um dever examinar o fenômeno mais atentamente.

Observamos, inicialmente, que existe uma diferença muito grande entre a maneira rápida, clara e sem erro com que as respostas são dadas, e o que ocorre nas experiências do sr. Watkins, onde só depois de tentativas, de lentidão, a carta é indicada, por assim dizer, por frações. Mas o que é totalmente inesperado, e o que de modo algum poderia ser previsto pelo sr. Stainton Moses, é que, subitamente, a própria inteligência diretora escolhesse um volume desconhecido do escrevente, do qual extrairia uma frase exata, e que em seguida produzisse um fenômeno completamente fora do poder da clarividência: o da abertura espontânea do livro, justo na página indicada. Segundo nós, aí está uma boa prova da intervenção estranha ao escrevente, e que lhe mostra que está realmente em contato com um espírito que tem vontade própria e meios especiais de testemunhá-la.

Se quisermos imaginar, não obstante as afirmações do médium, que aqueles livros um dia tinham sido lidos por ele e que pode ter-lhes guardado o conteúdo na sua memória latente, perceberemos quanto essa suposição é absurda, porque, se uma frase foi conservada, é pouco provável que o número da página lhe estivesse associado. Além disso, o fato de o livro abrir-se automaticamente no lugar desejado, também destrói completamente essa hipótese.

Apesar de todas as invenções engenhosas dos críticos, há fenômenos que, friamente estudados, sem fanatismo e sem paixão, mostram com certeza a intervenção de inteligências que não estão mais na Terra. Aí está uma grandiosa certeza que irá se acentuando a medida que avançarmos mais em nosso estudo dos fatos.

Características da escrita mecânica

O estado de transe a que o sr. Stainton Moses faz alusão se produzia principalmente durante as sessões em que ocorriam manifestações físicas; a escrita mecânica sempre era obtida no estado de vigília, salvo duas exceções: uma vez foi obtida escrita durante um estado de desprendimento — falaremos disso mais adiante —, e, aqui e ali, algumas palavras que ele afirma serem escrita direta, isto é, traçada por uma mão invisível movimentando a caneta, sem qualquer contato material da parte do escrevente.

Quando começou, a escrita era muito fina e irregular; ele era obrigado a escrever lentamente e com cuidado, controlando a mão e seguindo-lhe as linhas, caso contrário a mensagem tornava-se incoerente e apresentava o aspecto de uma verdadeira garatuja. Com o exercício, a caligrafia tornou-se regular e muito bonita.

As primeiras comunicações, diz ele, (15) eram todas na escrita fina que descrevi, eram sempre no mesmo estilo e assinadas 'Doctor the Teacher'. Todas as vezes que escreveu, sua assinatura continuou a mesma. Sua personalidade é tão determinada quanto a dos humanos que freqüente, mudando, a bem dizer, muito menos do que a minha nos últimos tempos.

(15) *Annales Psychiques*, 1895, p. 303.

Depois de um certo tempo, foram obtidas comunicações de outras fontes, mas cada uma delas se distinguia por sua própria letra e pelas particularidades do seu estilo e das suas expressões. Nesse meio tempo, percebi que grande número de espíritos que não tinham influência suficiente sobre minha mão recorriam ao auxílio de um outro espírito chamado 'Rector', que, aparentemente, podia escrever mais facilmente comigo, porque a escrita de um espírito inapto para esse trabalho com freqüência tornava a mensagem incoerente, e disso resultava-me sempre um sério esgotamento. Ao contrário, a escrita do espírito que se tornou assim uma espécie de secretário era corrente e fácil de ler, ao passo que a de muitos espíritos era extravagante, de forma arcaica e freqüentemente executada com dificuldade e quase ilegível, de modo que 'Rector' tornou-se o secretário habitual, exceto quando um espírito vinha pela primeira vez, ou então quando desejava acentuar a comunicação; aí, o próprio espírito responsável escrevia.

Em outro lugar, diz também: (16)

(16) Moses, Stainton, Enseignements Spiritualistes, p. 24.

É interessante saber se meus próprios pensamentos não exerceram uma influência qualquer sobre os assuntos tratados nas comunicações. Tive um trabalho extraordinário para prevenir tal eventualidade. No início, a escrita era lenta e eu precisava segui-la com os olhos, mas, mesmo nesse caso, as idéias não eram minhas. De resto, as mensagens logo adquiriram uma característica sobre a qual eu não podia ter dúvidas, já que as opiniões enunciadas eram contrárias ao meu modo de ver. Esforçava-me por ocupar meu espírito enquanto a escrita se produzia; cheguei a ler uma obra abstrata, a seguir um raciocínio complexo, enquanto minha mão escrevia com uma regularidade constante. As mensagens assim transmitidas cobriam numerosas páginas, sem correções ou erros de redação, num estilo freqüentemente belo e vigoroso...

Jamais consegui controlar a escrita; ela vinha sem ser chamada, e, quando a buscava, geralmente era incapaz de obtê-la. Um comando repentino, vindo não sei como, levava-me a sentar e preparar-me para escrever. Durante o período em que as mensagens foram regulares, tinha adquirido o hábito de dedicar a primeira hora do dia a esperá-las. Levantava-me cedo e passava aquele tempo matinal num quarto, dedicado unicamente ao que, em intenção, e na realidade, era um serviço religioso. A escrita vinha então freqüentemente, mas de modo algum eu podia contar com isso. Comunicações espíritas produziam-se sob outras formas, era raro não receber alguma, a menos que estivesse doente, o que aconteceu com freqüência nos últimos anos e pôs fim às mensagens.

Agora que estamos familiarizados com a escrita mecânica e conhecemos as flutuações morais pelas quais o sr. Stainton Moses passou antes de chegar à convicção, examinemos seu caso com imparcialidade e nos perguntemos se estava iludido ou se sua convicção repousava em bases seguras. Vimos que as mensagens que ele recebia, sempre sérias, graves, sem qualquer banalidade, vulgaridade ou inconveniência, não foram suficientes para persuadi-lo; ele conhecia muito bem a teoria da cerebração inconsciente do dr. Carpenter, e só ficou convencido quando lhe foram dadas numerosas provas da intervenção de espíritos desencarnados manifestando-se por seu intermédio. Vamos reproduzir

algumas dessas observações, e constataremos que a hipótese da telepatia, ou a da clarividência, não pode absolutamente explicar a repentina revelação de fatos ignorados pelo médium e pelos assistentes.

O homem esmagado por um rolo a vapor

Este relato foi extraído do diário inédito do sr. Stainton Moses pelo sr. Myers, (17) e sua exatidão é confirmada por uma narrativa independente, conforme em todos os pontos, publicada por uma testemunha ocular no *The Spiritualist*: (18)

(17) *Annales Psychiques*, 1890, p. 295.

(18) *The Spiritualist*, 19 de março de 1875.

20 de fevereiro de 1874. — Essa noite jantei na casa da sra. Grégory, com o dr. e a sra. Speer, para encontrar o barão du Potet, o célebre magnetizador e espiritualista. O sr. Percival estava presente. Durante o jantar, tinha uma espécie de sensação interior de uma influência estranha e falei sobre isso. Antes, o barão tinha-me magnetizado fortemente, tornando-me mais clarividente do que de hábito. Ele próprio percebeu um espírito na sala, mas achava que era o espírito de uma pessoa viva.

Depois do jantar, quando estávamos no salão, senti uma irresistível vontade de escrever, e pedi ao barão que apoiasse a mão no meu braço, que logo começou a mover-se, e caí numa profunda letargia. Segundo o que pude recolher das testemunhas, minha mão traçou estas palavras: 'Morri hoje'. Essa frase tinha sido precedida de um desenho muito tosco; depois, embaixo: 'Sob o rolo a vapor, na rua Baker, por onde o médium passou'. No mesmo instante, levantei-me, repetindo várias vezes a palavra sangue. O espírito pediu preces. A srta. G. recitou algumas e eu saí da minha letargia muito aflito. No dia seguinte dirigi-me à rua Baker com o dr. Speer e perguntei ao policial de serviço se não tinha acontecido nenhum acidente. Ele nos respondeu que um homem tinha sido morto pelo rolo a vapor às 9 horas da manhã, e que tinha ajudado a transportar o corpo para Waterhouse de Marylebone. Senti muito fortemente a influência à noite, e durante 48 horas não consegui fugir dela. Esta é uma prova curiosa da ação espírita.

Aqui, nossa opinião coincide plenamente com a do rev. Stainton

Moses, porque as circunstâncias que acompanham essa comunicação não permitem absolutamente a intervenção de outro fator que não o do espírito do falecido. Se o médium tivesse estado seguidamente em contato com o homem que morreu, estaríamos diante de um caso comum de telepatia; como nem o escrevente, nem qualquer pessoa da assistência. tinha o menor conhecimento daquele indivíduo, essa causa não poderia ser invocada, principalmente considerando-se que o acidente ocorreu às 9 horas da manhã e que a comunicação só foi feita à noite. O simples fato de ter passado pela rua Baker não pode, evidentemente, ter qualquer importância para a explicação telepática, ao passo que se aplica perfeitamente à teoria espírita de um espírito aguardando uma oportunidade para comunicar-se. Raciocinaremos da mesma forma quanto à clarividência, uma vez que essa faculdade só se exerce quando há uma causa importante, de natureza emotiva, para provocá-la, motivo que falta absolutamente com relação a um desconhecido.

O caso de Euphemia Mathilda Death

Citarei também, diz o sr. Stainton Moses, (19) o seguinte caso: Numa das nossas sessões (na família Speer), surgiu uma influência — não encontro palavra melhor — que fez com que todos sentíssemos um frio horrível. A 21 de dezembro de 1874, conjecturava sobre o que tinha acontecido na véspera e disseram-me que o frio tinha sido causado pela presença de certos espíritos que se haviam manifestado à revelia do chefe (Imperator). Indaguei relativamente a certos fatos adiantados por eles e disse: 'Podeis provar esses fatos para que eu possa compará-los com o que eles me disseram?' (É importante observar que eu não tinha qualquer lembrança consciente do que tinha sido dito naquela sessão.) Após uma longa pausa, foi-me respondido:

(19) *Annales des Sciences Psychiques, Expériences de W. Stainton Moses, 1895, p. 357.*

— A mãe era Euphemia Mathilda Death. Ela deixou nosso mundo em Aldershot, a 20 de novembro, aos 22 anos de idade. A pequena era Edith- Ellen Death. Tinha apenas quinze meses quando ela morreu. O nome do seu pai era William Death, médico veterinário da tropa militar. Tais são

os principais fatos, nada mais sabemos.

Esses fatos, inteiramente desconhecidos em nosso círculo, foram verificados posteriormente. Após uma sindicância, obtivemos um papel de Wolwich confirmando cada detalhe, e acrescentando que a pequena Edith tinha morrido em água fervente. O sr. F. W. H. Myers, que também verificou essas indicações, diz que no registro de falecimentos lê-se: 'Mathilda Death morreu em South Camp, Aldershot, a 21 de novembro de 1874, de uma enfermidade de uma válvula do coração, aos 22 anos de idade. Edith-Ellen Death, filha da acima citada, morreu no mesmo lugar, a 24 de novembro de 1874, seis dias depois de uma congestão cerebral, com um ano e três meses de idade.'

A diferença entre as datas do dia da morte não tem nada de muito estranho tratando-se de uma morte ocorrida à noite, e principalmente devido a uma doença cardíaca.

Perguntamos, de novo, que faculdade supranormal se poderia invocar para explicar os detalhes precisos, circunstanciados, obtidos por um escrevente que não tinha a menor idéia da existência de uma família Death. Não se pode imaginar, sem cair no absurdo, uma ação telepática de um vivo qualquer, porque não existe nenhum amigo comum, nem uma ligação entre o médium e as pessoas mortas. A clarividência também não tem mais razão para produzir-se aqui, pois já constatamos que ela não se exerce ao acaso, mas, ao contrário, em circunstâncias bem determinadas. É lógico admitir-se, pois, que as informações provêm de inteligências desencarnadas, como elas afirmam sê-lo, e que a comunicação entre os vivos e os mortos prova-se por fatos que desafiam qualquer crítica. Eis mais um caso, cuja verificação foi completamente inesperada: (20)

(20) *Ver Spirit Identity, p. 112, Apêndice III. Ver também Enseignements Spiritualistes, p. 62, e Annales Psychiques, 1895, p. 353.*

O caso de Charlotte Buckworth

Reproduzimos a versão do diário do sr. Stainton Moses, segundo o sr. Myers:

25 de março de 1874. — Um espírito se manifesta por pancadas, dando-nos detalhes sobre sua vida, que eram precisos e inteiramente

desconhecidos por nós. No dia seguinte, fiz perguntas a respeito (pela escrita), e responderam-me que o nome dado estava correto; que a tal Charlotte Buckworth não tinha qualquer conexão especial comigo, ou com meus amigos, mas falava como se estivesse presente. O fato de eu ter estado na véspera em companhia de quatro pessoas, todas mais ou menos médiuns, tinha impedido a regularidade das comunicações e introduzido um elemento de perturbação.

Foi-me dito que Charlotte Buckworth, o espírito em questão, tinha sido privado repentinamente da existência terrena em 1773, numa festa na casa de um amigo na rua Jermyn. Fiquei sabendo também que tinha uma deficiência cardíaca e que tinha morrido dançando. O espírito amigo que escrevia não podia dizer-me na casa de quem, mas, tendo partido, voltou e deu-me esta informação: na casa do dr. Baker, a 5 de dezembro. Não podíamos verificar a informação e não pensamos mais nisso. Muito tempo depois, no entanto, o dr. Speer recebia na sua casa um amigo que gostava muito de remexer nos velhos livros. Uma noite, estávamos os três conversando numa sala em que havia muitos livros, raramente consultados, arrumados em prateleiras que iam do chão ao teto.

O sr. A. (como o chamarei) subiu numa cadeira para alcançar a última prateleiras, cheia de volumes de Annual Register. Pegou um, numa nuvem de pó, e observou que a publicação era um precioso repositório de acontecimentos. 'Aqui se acha tudo', dizia ele. Assim que pronunciou aquelas palavras, a idéia de que era uma oportunidade para verificar se haviam registrado a morte de Charlotte Buckworth atravessou-me a mente como um relâmpago. O acontecimento devia ter interessado e o encontraríamos no obituário de um daqueles volumes. Minha impressão era tão forte — parecia-me que minha voz interior me falava — que pus-me a pesquisar o volume de 1773. Encontrei nele, entre o de outras mortes famosas, o registro do fato que causara sensação por ter acontecido numa festa mundana elegante e por sua terrível subitaneidade. Os fatos tinham sido descritos exatamente. O livro estava coberto por espessa camada de pó e evidentemente não tinha sido tocado desde que o haviam colocado na prateleira. Lembrava-me de que os livros tinham sido arrumados cinco anos antes e depois tinham continuado tal como estavam. Ninguém, sem os pendores de antiquário do sr. A., teria tocado neles. A verificação,

creio, foi tão sugestiva de uma indicação espiritualista quanto a própria comunicação.

Bem conhecemos a engenhosidade dos nossos críticos, mas nos perguntamos que poderiam alegar contra esses fenômenos.! Nada de telepatia de vivos, todos os contemporâneos estão mortos. Nenhuma possível clarividência, pois nenhum fato necessita dela. Resta-nos constatar a influência dos espíritos, a despeito de todas as negações interesseiras.

Vejamos mais alguns exemplos de comunicações reais:

Outras provas da intervenção de inteligências estranhas aos assistentes

Por várias vezes — diz também Stainton Moses (21) — foi-me propiciada outra espécie de prova, que consistia em recordar incidentes mínimos ocorridos há muito tempo, e que, por algum meio imaginável, não tinham podido chegar-me ao conhecimento, ou existir na minha memória. Eis um exemplo. Aconteceu numa época em que eu estava totalmente ocupado com a escrita automática, e surgiu a propósito de nada. Suponho que o espírito estivesse presente, e aproveitou a ocasião para aproximar-se de seu amigo.

(21) *Moses, Stainton, l'Identité des Esprits, in Revue Scientifique et Morale du Spiritisme, março de 1900, p. 603.*

Certa noite, a 8 de abril de 1874, eu fazia uma pergunta a respeito do que acabava de ser escrito, quando a mão começou a desenhar, ou melhor, a percorrer o papel ao acaso, como freqüentemente acontece quando um novo espírito se apresenta. Uma longa comunicação, de natureza muito pessoal, foi finalmente transmitida aos poucos. Deve necessariamente perder muito da sua força, no breve resumo a que preciso limitar-me neste relato impresso. Na época, encontrava-me no campo, e o espírito que se comunicava tinha sido um conhecido da dona da casa, como meu também. Para ser mais exato, direi que, vinte e nove anos antes, ela me conhecera criança. Deu-me seu nome completo e perguntou-me se me lembrava dela. Nada significava para mim. Acrescentou, então, que era a prima da dona da casa em que eu estava. Tinha falecido no dia 15 de maio anterior. Em resposta às minhas perguntas, disse que tinha sido casada, e a

seguir deu-me seu nome de solteira. Lembrei-me perfeitamente desse nome e do nome do lugar onde ela morava. Deu-me, então, todos os detalhes da sua vida, com a data e o lugar do seu nascimento, a descrição bem exata da casa onde tinha morado, e o nome do atual ocupante; detalhes da sua vida como mulher casada; a data e o lugar da sua morte, bem como sua idade. Em seguida veio o relato de uma aventura bem trivial da minha infância, um dia em que tinha ido visitá-la. Os mínimos detalhes foram lembrados durante esse relato, detalhes tão insignificantes, a respeito dos quais eu nada sabia, que não é possível imaginar que pudessem ser encontrados por alguém que estivesse simulando um espírito. Mais tarde, verifiquei suas informações, recorrendo a duas diferentes fontes, e constatei que cada particularidade era rigorosamente exata.

Perguntei-lhe, além disso, se tinha algum propósito ao manifestar-se a mim. Sim; desejava transmitir uma mensagem para X.: 'Perdi muitas oportunidades de progredir, porque procurava satisfazer os apetites carnis. Isso me fez retroceder. Preciso retomar o curso dos meus progressos. Acho que minha vida atual em nada difere da vossa; sou quase como vós. Gostaria de exercer uma influência sobre X., mas não posso chegar a tanto.'

Pedi-lhe outras provas, e ela me disse que não podia dá-las.

No momento em que ia embora: 'Parai! Pedi a X. notícias de D. e da armadilha'. Eu não tinha a menor idéia do que aquilo podia significar, e perguntei-lhe se estava bem no seu estado atual. 'Tão feliz quanto se pode ser neste estado'. Perguntei-lhe como me havia descoberto. Tinha vindo, respondeu-me, errando em torno da sua amiga, e percebeu que lhe era possível entrar em comunicação. Perguntei-lhe se lhe podia ser útil. Respondeu com o habitual pedido de preces. Mais tarde, pude certificar-me de que o incidente da armadilha, a respeito do qual mandaram que me informasse, era um desses ínfimos detalhes da vida cotidiana, acontecido há trinta anos, que me parece bem adequado para fornecer as melhores provas de identidade. Esse ridículo incidente, ao qual foi feita alusão, não podia ser do conhecimento de ninguém, a não ser dos que dele tinham participado. É preciso que se diga que tinha ocorrido quando eu tinha cinco anos mais ou menos. A pessoa a quem me dirigi só se lembrou do

incidente da armadilha com grande dificuldade e após uma noite de reflexão.

Antes de terminar, quero ainda citar um caso, que constitui uma prova das mais detalhadas, obtida por meio de pancadas, e confirmada pela escrita automática:

Mais ou menos na mesma época do fato precedente, todo o transcurso de uma das nossas sessões, isto é, quase duas horas, foi ocupado pela comunicação de uma série de fatos, nomes, datas e pequenos detalhes, transmitida por um espírito que estava evidentemente preparado para responder à mais penetrante enquête. O dia do nascimento, as particularidades da história da família, e detalhes sobre a vida que acabava de extinguir-se foram dados a meu pedido. Disso resultou uma biografia completa, compreendendo não apenas os fatos destacados, mas abrangendo também as particularidades triviais que, com a maior naturalidade, vinham no decorrer do relato. Todas as perguntas receberam sua resposta sem a menor hesitação, e com clareza e precisão perfeitas. Todos os detalhes foram anotados na mesma hora e, em todos os casos em que foi possível verificá-los, foram achados perfeitamente exatos e bem relatados.

Embora esse caso tenha sido o único que conheci, me pareceria mais difícil imaginar que tudo o que foi transmitido com tanto cuidado e precisão não tenha passado de produto de uma impostura, de trapaça de um espírito mistificador, ou de fantasias de um cérebro desequilibrado, do que admitir, como o fiz sem hesitar, que o operador inteligente foi o próprio homem, com sua memória intacta e uma individualidade que a mudança de estado que chamamos morte não destruiu. Apoiando-se como faz sobre a mesma base em que se apóiam os outros fatos que detalhei, e os que omiti, este caso é um elo a mais acrescentado à cadeia de provas.

Gabriel Delanne - Pesquisas sobre mediunidade